

Competição Interestatal, Componentes Críticos e Cadeias de Suprimentos: Implicações para a Ordem Liberal

Augusto C. Dall'Agnol¹
Gustavo F. Dall'Agnol²

17 **Resumo:** O presente artigo analisa as contradições da manutenção da ordem liberal em um cenário de retorno de competição entre grandes potências. Apesar da atual crise na ordem liberal, entende-se que tal crise seja acompanhada também de um movimento de mudanças materiais na estrutura sistêmica. Em termos materiais, a possibilidade do fim do comando dos comuns e da existência de zonas contestadas cede espaço ao retorno de esferas de influência, com implicações diretas para a ordem internacional. Neste sentido, analisa-se a relação entre mudanças na ordem liberal e o crescente processo de endogenização de componentes críticos e de cadeias de suprimentos globais por parte dos Estados Unidos e China, a partir de documentos oficiais, relatórios e aspectos empíricos. Em suma, a crise da ordem liberal é fruto de mudanças materiais do sistema internacional e as diferentes respostas de diferentes países frente ao aumento da competição interestatal terão efeitos duradouros na própria reordenação da ordem vindoura.

Palavras-chave: Ordem liberal; Competição Interestatal; Esferas de influência.

¹ Doutorando e Mestre em Estudos Estratégicos Internacionais pela UFRGS. Bolsista CAPES. E-mail: a.agnol@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6658-4470>.

² Doutorando em Relações Internacionais pela PUC-MG e Mestre em Economia Política Internacional pela UFRJ. Bolsista CAPES. E-mail: gustfd@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5566-0194>.

1 - Introdução

Apesar da crise da ordem liberal ter se tornado mais evidente e aguda após a eleição de Donald Trump, em 2016, esta crise tem suas raízes profundas já em anos anteriores (SCHWELLER, 2001; IKENBERRY, 2005; DUNNE, 2010; SØRENSEN, 2011; VEZIRGIANNIDOU, 2013). As explicações para tal crise e seus desdobramentos para o sistema internacional são diversas e bem desenvolvidas na literatura (ACHARYA, 2017; NYE, 2017; ALLISON, 2018; IKENBERRY, 2018; JERVIS, 2018; MEARSHEIMER, 2018; PARMAR, 2018).

Ikenberry (2009) sintetiza as múltiplas origens da ordem liberal: a crescente dificuldade em identificar interesses comuns entre as principais potências depois da dissipação da ameaça nuclear bipolar; uma disjunção entre as concentrações de poder no sistema e uma relutância da maioria dos Estados em permitir que poderes preponderantes governem; a erosão das normas de soberania sem um conjunto claro e compartilhado de acordos sobre onde as responsabilidades locais e globais começam e terminam; novas ameaças emanadas de Estados-falidos; e o surgimento de potências globais participação na ordem institucional não pode ser tida como garantida.

18

Neste sentido, o presente artigo analisa a relação entre a crise da ordem liberal e o aumento da competição interestatal. Afinal, a crise da ordem é a causa do aumento da competição interestatal ou o inverso? Como mudanças na polaridade do sistema internacional influenciam mudanças na ordem internacional? Como os Estados Unidos e a China estão lidando frente a esses fenômenos? Quais as contradições inerentes das principais abordagens da ordem liberal em tempos de mudanças estruturais? Além disso, as principais abordagens que analisam mudanças na ordem internacional as vinculam diretamente com a ocorrência de guerras (GILPIN, 1981; IKENBERRY, 2001). Assim, como ocorrem mudanças na ordem internacional sem a ocorrência de guerras entre as grandes potências?

De forma sintética, entende-se, a ordem de um sistema como o "conjunto de direitos e regras que governam, ou ao menos influenciam, as interações entre

Estados” (GILPIN, 1981, p. 34). Neste sentido, a temática mais ampla acerca de mudanças na ordem liberal dialoga com a ideia de que as “ordens internacionais colapsam ou entram em crise quando os arranjos de regras estabelecidas entram em disputa ou quando as forças que perpetuam a ordem não mais operam” (IKENBERRY, 2014, p. 85). Além disso, os desafios à manutenção da ordem internacional frequentemente resultam “de Estados com capacidade e organização política para demandar a revisão da ordem estabelecida e das suas normas dominantes de forma que ela refletisse os seus interesses, preocupações e valores” (HURRELL, 2006, p. 2). Lemke (2002) assinala, acerca de países revisionistas, que esse processo é facilitado quando a ordem internacional é explicitamente construída para isolar e ou negar valores aos Estados insatisfeitos, bem como quando estes não tiveram voz na construção do *status quo* existente e não desfrutam, direta ou indiretamente, dos seus benefícios.

19

Dito isso, especialmente após o final da Guerra Fria, esperava-se que a extensão da integração alcançada pela globalização, com cadeias de suprimentos altamente internacionalizadas, operasse como um baluarte frente à polarização política à guerra interestatal. Todavia, “essas cadeias de suprimentos podem ser interrompidas e politizadas” (THOMPSON, 2020, p. 234). Em termos conceituais, cadeias de suprimento são definidas pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos, no relatório *Air Force Space Command Supply Chain Risk Management of Strategic Capabilities*, como “a sequência de atividades necessárias para fornecer ao usuário final um produto ou sistema finalizado (da matéria-prima ao produto finalizado). As atividades incluem design, fabricação, produção, embalagem, manuseio, armazenamento, transporte, operação, manutenção e descarte” (USA, 2018c, p. i).

Por sua vez, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos entende que um componente crítico é, ou contém, “tecnologia de informação e comunicação, incluindo hardware, software e firmware; seja personalizado, comercial ou desenvolvido de outra forma, e que ofereça ou proteja a funcionalidade crítica de um sistema ou que, devido ao design do sistema, possa introduzir vulnerabilidade às funções críticas de um sistema aplicável” (USA, 2018c, p. 35).

Em termos estritamente conjunturais, diferentes autores apontam para diferentes efeitos da pandemia de COVID-19 na ordem internacional (KISSINGER, 2020; NYE, 2020). Além disso, a pandemia trouxe de volta ao debate questões sobre autossuficiência e um novo ímpeto em termos de soberania tecnológica e digital. Neste sentido, alguns autores entendem que a busca por liderança em termos de inteligência artificial, 5G e computação quântica por parte da China representam uma “ameaça à democracia liberal” (ARCESATI; RASSER, 2020).

Tal debate, em termos mais amplos, não é, necessariamente, novo. No final da década de 1980 e início da década de 1990, havia nos Estados Unidos um debate político acerca da natureza e dos relativos méritos do “tecnonacionalismo” e do “tecnoglobalismo”³. Essas duas visões ofereciam interpretações amplamente alternativas sobre como os governos deveriam canalizar o investimento em tecnologia e moldar cadeias de suprimentos para o benefício de suas respectivas empresas e cidadãos (BITZINGER, 1994; DEVORE, 2019; SCHOFF, 2020)

20

Em um primeiro momento, os argumentos tecnonacionalistas sobressaíram-se, em meio a intensos atritos comerciais entre Estados Unidos e Japão, e preocupações de que o Japão estaria alavancando políticas industriais para superar a liderança dos Estados Unidos em semicondutores e outras tecnologias críticas. De forma semelhante, o retorno da visão tecnonacionalista está levando outros Estados, e não apenas os Estados Unidos, a intervir com mais frequência nos assuntos comerciais e tecnológicos para dar aos seus próprios líderes industriais de alta tecnologia uma vantagem sobre aqueles de outros países⁴ (SCHOFF, 2020).

Blank (2020), por exemplo, argumenta que o controle da fabricação avançada de chips no século XXI pode muito bem ser como controlar o suprimento de petróleo no século XX. Em outros termos, os Estados que controlam essa

³ DeVore (2019, p. 5) caracteriza o tecnonacionalismo como “a crença generalizada de que o desenvolvimento tecnológico endógeno é central para o crescimento do Estado”.

⁴ Por exemplo, no início de Maio de 2020, o Japão tornou-se o primeiro país a apoiar significativamente os esforços para mudar as cadeias de suprimentos da China. Com isso, o país destinou US\$ 3,6 bilhões ao seu estímulo econômico para o COVID-19 para ajudar seus fabricantes a transferir a produção para fora da China e voltar para o Japão ou para o Sudeste Asiático (EDEL, 2020; POWELL, 2020). De forma similar, o Alto Representante da União Europeia para as Relações Exteriores e a Política de Segurança, Josep Borrell, destacou que a União Europeia diversificará suas cadeias de suprimentos (CHAUDHARY, 2020).

fabricação podem estrangular o poder militar e econômico de terceiros. Em relação à rede 5G, McCormick, Luftig e Cunningham (2020) entendem que o controle infraestrutural equivale ao controle de dados. Neste sentido, equipamentos de fabricação de semicondutores e indústrias de semicondutores formam a espinha dorsal da infraestrutura de rede 5G, sistemas de aprendizado de máquina e outros recursos críticos de segurança nacional. Em suma, os semicondutores são a espinha dorsal da indústria de alta tecnologia dos Estados Unidos e são a tecnologia central da Era Digital (LEWIS, 2020; LIU et al., 2020). Com isso, argumenta-se, aqui, que os investimentos chineses e estadunidense em tecnologias disruptivas fazem parte de uma competição estratégica mais ampla, que abrange elementos tanto da ordem internacional quanto da dissuasão nuclear e convencional entre grandes potências.

Por fim, este artigo estrutura-se em quatro seções. Primeiro, são apresentados os principais elementos que caracterizam a ordem liberal. Segundo, realizam-se críticas ao desenvolvimento teórico em torno da ordem liberal no período pós-Guerra Fria. Terceiro, analisam-se os documentos oficiais e relatórios do Estados Unidos. Por fim, debruça-se em torno de questões empíricas que vinculam a discussão às discussões anteriores.

21

2 – O que é e como evoluiu a ordem liberal?

Ikenberry (2009) argumenta que pode-se dividir a ordem liberal internacional em três momentos. Primeiro, aquela identificada com os planos de Woodrow Wilson para a Liga das Nações e as expectativas normativas correspondentes sobre livre comércio, autodeterminação nacional e segurança coletiva. A segunda fase estaria incorporada na constelação institucional liderada pelos Estados Unidos após 1945. Finalmente, a terceira fase da ordem liberal estaria associada à expansão da ordem liberal Ocidental no final de Guerra Fria para integrar todo o sistema internacional.

Neste sentido, os proponentes de uma ordem liberal partilham de uma premissa otimista de que Estados são capazes de superar os constrangimentos da anarquia internacional e alcançar fins coletivos, facilitados por instituições que

aprimoram a cooperação (IKENBERRY, 2001; DUNNE; KOIVISTO, 2010). Há também uma suposição otimista de que grandes potências agem com restrição no exercício de seu poder e encontram maneiras de transmitir com credibilidade compromissos a outros Estados⁵ (IKENBERRY, 2009).

O trabalho de Deudney e Ikenberry (1999) é uma das principais contribuições que buscam sintetizar a compreensão acerca do que constitui a ordem liberal. Os autores assinalam cinco principais características que marcam a ordem liberal pós-1945 a partir de uma abordagem do liberalismo estrutural. Em suma, a ordem liberal caracteriza-se pela prática de segurança de co-vinculação como uma solução liberal para o problema da anarquia, em detrimento de estratégias tradicionais de balanceamento. Segundo, pelo caráter penetrante da hegemonia americana, que tem o papel de aumentar a legitimidade da ordem a partir de seu caráter recíproco e não coercitivo, em oposição à hegemonia coercitiva.

Terceiro, a ordem liberal caracteriza-se pelo papel das grandes potências semi-soberanas e parciais, como Japão e Alemanha, como características estruturais da ordem política Ocidental como mecanismo para incorporar Estados que possam gerar problemas. Quarto, pela abertura estrutural e econômica, bem como suas soluções para os problemas de ganhos relativos e para a criação de interdependência. Quinto, pela identidade e comunidade cívica ocidentais e seu papel na sustentação das instituições liberais no Ocidente, que modera conflitos e facilita a integração, em detrimento da identidade nacional (DEUDNEY; IKENBERRY, 1999).

O argumento central de Ikenberry (2001) diz respeito ao fato de que um Estado hegemônico, ao construir uma ordem institucionalizada baseada em regras pode fixar acordos favoráveis que continuem após o seu zênite de poder. Dessa forma, a ordem internacional poderia permanecer intacta mesmo depois que o principal polo de poder perdesse a sua posição preeminente no sistema. Assim, a estabilidade e a duração da unipolaridade seriam um produto dos arranjos institucionais construídos pelos Estados Unidos desde o final da 2ª Guerra

⁵ Ikenberry (2005) chega a afirmar que as enormes vantagens de poder dos Estados Unidos dão à ordem um caráter hierárquico, mas suas características de hegemonia liberal e de comunidade de segurança tornam um eventual império dos Estados Unidos uma impossibilidade estrutural.

Mundial. As instituições e as alianças, como a Organização do Tratado do Atlântico Norte, operariam de uma maneira previsível e serviriam para vincular não apenas os Estados menores, mas também os Estados Unidos.

Neste sentido, os Estados Unidos teriam se restringido, desde então, através de uma rede de alianças vinculantes e compromissos multilaterais. Assim, a hegemonia estadunidense seria relutante, aberta e altamente institucionalizada – ou, resumindo, seria uma hegemonia liberal. Com isso, a partir de uma “ordem constitucional” consensual e não coercitiva o Estado hegemônico cederia um pouco da sua liberdade de uso de poder em troca de uma ordem durável e previsível que salvaguarda os seus interesses no futuro (IKENBERRY, 1998).

Parmar (2004) argumenta que as bases ideacionais da ordem hegemônica dos Estados Unidos constituem-se como um dos elementos mais críticos, embora negligenciados. Para o autor, por trás das capacidades militares dos Estados Unidos, repousa o poder “ideacional-infraestrutural”. Neste sentido, Parmar (2004) entende que o governo dos Estados Unidos teve que mobilizar uma base de apoio social a fim de auxiliar na construção de um “consenso globalista”, tendo em vista a grande oposição existente ao projeto que viria a constituir a ordem liberal liderada pelos Estados Unidos.

O *National Security Council Report 68* (NSC-68), de 1950, por exemplo, destaca a criação de uma ordem baseada na liberdade e na democracia como elementos essenciais dos interesses dos Estados Unidos uma vez que, na ausência da liderança do país em desenvolver uma ordem liberal forte, formas alternativas de ordem que ameaçariam os interesses do Estado tenderiam a surgir (MAZARR et al., 2016). Até no governo Trump, houve quase um consenso político e acadêmico em relação à estratégia de socialização de países emergentes na ordem liberal. Isto é, frente ao enfraquecimento da ordem liberal, os Estados Unidos poderiam vinculá-los à estrutura corrente, tornando-os parceiros responsivos. Com isso, os Estados Unidos assegurariam a sua própria influência (VEZIRGIANNIDOU, 2013). Por outro lado, Ikenberry (2020) argumenta que, ironicamente, foi o sucesso da ordem liderada pelos Estados Unidos que lançou as sementes da sua atual crise. Isso porque, com o colapso da União Soviética, a última alternativa clara ao liberalismo desapareceu. À medida que a ordem liberal passou de metade de um

sistema bipolar para uma ordem verdadeiramente global, ela começou a se fragmentar.

3 – Quais os problemas da ordem liberal?

A base do argumento de Ikenberry (2001) é de que dinâmicas de balanço de poder poderiam ser mitigadas via ordens constitucionais. Ikenberry (2001, p. 54) argumenta, por exemplo, que "se o Estado líder calcular que suas vantagens elevadas de poder no pós-guerra são apenas momentâneas, uma ordem institucionalizada poderá fixar arranjos favoráveis que vão além do auge de seu poder". No entanto, o autor reconhece que "a ordem hegemônica apenas permanece estável enquanto o Estado líder retiver sua preponderância de poder" (IKENBERRY, 2001, p. 47). Ironicamente, ele aceita, ainda, que "o problema, é claro, é que os Estados hegemônicos inevitavelmente experimentam declínio relativo, e a ordem criada durante o zênite de seu poder não pode ser sustentada à medida que esse poder diminui" (IKENBERRY, 2001, p. 47).

24

Além disso, Ikenberry (2001, p. 21) superestima a "possibilidade de Estados em ascensão serem acomodados dentro da ordem hegemônica existente". Em vez de reconhecer que os arranjos anteriores eram temporários sob condições materiais específicas – superioridade militar dos Estados Unidos - que poderiam, eventualmente, chegar ao fim, Ikenberry (2018, p. 8), continua argumentando que "apesar de seus problemas, o internacionalismo liberal ainda tem futuro". Para cumprir com as funções elencadas por Ikenberry (2001), as instituições vinculantes deveriam operar independentemente do poder e dos interesses dos Estados Unidos. No entanto, o autor também afirma que esses mesmos arranjos institucionais vinculantes estendem o poder preponderante do Estado líder. Assim, arranjos institucionais são, ao mesmo tempo, mecanismos de autocontrole hegemônico e ferramentas de poder hegemônico. Em suma, a concepção liberal de ordem internacional prescreve meios liberais para alcançar fins que são, ao fim e ao cabo, realistas (SCHWELLER, 2001).

Cabe destacar, ainda, que a estrutura internacional que emergiu após 1945 era bipolar, não unipolar. Para Schweller (2001), a bipolaridade e a ameaça

soviética comum explicam como e por que os Estados Unidos criaram uma rede de arranjos institucionais supranacionais entre as democracias industriais. Para o autor, o alto grau de institucionalização dentro da coalizão liderada pelos Estados Unidos era apenas um subproduto do balanceamento de defesa coletiva em um sistema bipolar. Por outro lado, no período pós-Guerra Fria, os Estados Unidos, atrelado à ideia de expansão da ordem liberal em escala global, deixaram de reconhecer a existência de esferas de influência, isto é, a capacidade de outras potências exigirem deferência de terceiros em suas próprias regiões ou, então, de exercer controle predominante nessas⁶. Isso porque as esferas de influências deram lugar a uma única esfera de influência, uma “esfera americana” mundial (ALLISON, 2020). Em outras palavras, os Estados Unidos estavam livres para seguir uma estratégia global ambiciosa sem ter que se preocupar muito com seus custos e riscos (WALT, 2018).

25

Neste ínterim, os Estados Unidos desfrutaram, por um tempo significativo, do que Posen (2003) chamou de "comando dos comuns", isto é, a liberdade mundial de movimento nos, e sob os mares e no ar acima de 15.000 pés, com a capacidade de negar essa mesma liberdade aos inimigos. Todavia, ao longo das últimas duas décadas, o desenvolvimento e a difusão de armas avançadas, que se centram em vulnerabilidades dos Estados Unidos, têm o potencial de criar um ambiente de anti-acesso e negação de área que desafia cada vez mais o acesso militar dos Estados Unidos e a liberdade de ação em áreas potencialmente contestadas (RASMUSSEN, 2015; BIDDLE; OELRICH, 2016). Tal mudança rompe com a ideia de uma única esfera de influência. Para Allison (2020), os formuladores de políticas dos Estados Unidos terão que abandonar aspirações inatingíveis com os mundos com os quais sonharam e aceitar o fato de que as esferas de influência continuarão sendo uma característica central da política internacional.

4 – O foco na competição entre grandes potências

⁶ Uma esfera de influência é “uma região na qual uma grande potência exerce influência dominante que a permite moldar a política interna e limitar o comportamento externo de Estados subordinados” (MURRAY, 2019, p. 63). Para uma visão aprofundada em torno do conceito de esferas de influência, ver Hast (2014).

Para Rennstich (2008), o reconhecimento mútuo como rivais é o critério mais importante para identificar rivalidades comerciais. Neste sentido, para o autor, uma rivalidade comercial é distinguível da mera competição comercial entre os Estados pelo fato de que ambos os atores se consideram não apenas como concorrentes, mas também como inimigos em um sentido comercial ao mesmo tempo.

Desde o final da Guerra Fria, tanto administrações Democratas quanto o Republicanas nos Estados Unidos não levaram a sério a possibilidade de um potencial rival à altura (COLBY; MITCHELL, 2020). Todavia, a *National Security Strategy* (NSS), de 2017, e a *National Defense Strategy* (NDS), de 2018, evidenciam uma clara mudança neste aspecto. Isso se deve, especialmente, ao reconhecimento de que a “a competição estratégica interestatal, e não o terrorismo, é agora a preocupação principal da segurança nacional dos Estados Unidos” (USA, 2018a, p. 1) e que “muito dos nossos modelos e postura de emprego de força datam do imediato pós-Guerra Fria, quando nossa vantagem militar era incontestável e as principais ameaças eram regimes párias” (USA, 2018a, p. 7).

26

Em condições fora da unipolaridade, Waltz (1979) argumenta que Estados balanceiam uns aos outros através de meios internos, em detrimentos de externos, dependendo de suas próprias capacidades em vez de capacidades de aliados. Com isso, o balanceamento interno seria, para o autor, mais confiável e preciso do que o balanceamento externo. Diante disso, a ideia de Tilly (1990) de que “a guerra fez o Estado e o Estado fez a guerra” ainda resguarda grande relevância, especialmente em termos de preparação para a guerra, especialmente a partir de processos de endogenização⁷.

Por exemplo, a NSS indica que “a capacidade das Forças Armadas de reagir a uma emergência depende da capacidade de nossa nação produzir peças e sistemas necessários, cadeias de suprimentos saudáveis e seguras e uma força de trabalho

⁷ Entende-se, aqui, processos de endogenização aqueles por meio dos quais países dominam e internalizam a produção de equipamentos, plataformas e processos de manufatura. Assim, a endogenização é, sobretudo, sobre independência. Isso é, a habilidade de um país garantir suas necessidades de segurança e, com isso, produzir o que ele usa em guerra (JAISHANKAR, 2019). Além disso, a endogenização da produção de materiais de defesa modernos também contribui grandemente para estimular a produção de cadeias nacionais e gerar emprego e renda (NEVES JÚNIOR, 2015).

qualificada nos Estados Unidos” (USA, 2017, p. 29). O documento também argumenta que a erosão da produção Americana nas últimas duas décadas, contudo, prejudicou essas capacidades e ameaça a minar a capacidade de produtores dos Estados Unidos de atender os requisitos de segurança nacional. A NSS aponta que “hoje dependemos de fontes domésticas únicas para alguns produtos e cadeias de suprimentos externas para outros, e enfrentamos a possibilidade de não conseguir produzir componentes especializados para os militares internamente⁸” (USA, 2017, p. 29).

Essas deficiências são melhor estimadas no *Industrial Capabilities Annual Report to Congress* (USA, 2019a) e no relatório *Assessing and Strengthening the Manufacturing and Defense Industrial Base and Supply Chain Resiliency of the United States* (USA, 2018b). O primeiro, por exemplo, foi encaminhado com o reconhecimento de que, em um período de renovada competição entre grandes potências, “a capacidade de armar nossos combatentes com a letalidade e o domínio para enfrentar novos e imprevistos desafios estratégicos depende de uma base industrial de defesa saudável e resiliente” (USA, 2019a, p. 29).

27

Para a subsecretária de Defense for Acquisition and Sustainment, Ellen M. Lord, os Estados Unidos devem achar um caminho para garantir fontes nacionais para a microeletrônica que é usada em sistemas de armamentos de defesa, a fim de garantir uma cadeia de suprimentos resiliente e segura em termos de microeletrônica (LOPEZ, 2020). De forma similar, Will Roper, Secretário Assistente da *Air Force for Acquisition, Technology & Logistics*, aponta que os Estados Unidos possam ter que nacionalizar partes do setor da indústria de aeronaves militares (WEISGERBER, 2020).

Assim, como destacam Platzer e Sargent Jr. (2016), a fabricação de semicondutores suscita preocupações de segurança nacional, pois requer acesso seguro a fornecedores confiáveis de semicondutores avançados e outros componentes críticos de tecnologia que são importantes para determinadas aplicações de defesa e segurança nacional. Os autores enfatizam que em um

⁸ Isso vai ao encontro do argumento de DeVore (2019, p. 5) de que “as cadeias de suprimentos industriais de defesa dos Estados Unidos se globalizaram ao ponto de que mesmo armamentos americanos dependem fortemente de componentes importados, e o conteúdo de importação de armas fabricadas na Grã-Bretanha excede 40%”.

relatório de 2012, a *National Academy of Sciences* observou que a parcela da capacidade total de fabricação mundial localizada nos Estados Unidos havia caído de 42% em 1980, para 30% em 1990 e para 16% em 2007. Os motivos por trás da mudança, de acordo com especialistas do setor, “foram a rápida expansão das empresas asiáticas de semicondutores e o investimento externo das empresas americanas” (PLATZER; SARGENT JR., 2016, p. 9-10).

Além disso, a NSS defende o incentivo ao investimento nacional, ao propor que “os Estados Unidos promovam políticas e incentivos que devolvam os principais setores de segurança nacional em território americano. Sempre que possível, o governo dos Estados Unidos trabalhará com parceiros do setor para fortalecer a competitividade dos Estados Unidos em tecnologias-chave e capacidades de fabricação” (USA, 2017, p. 30). Em resumo, o NSS afirma que “uma base industrial de defesa saudável é um elemento crítico do poder dos EUA” e que os Estados Unidos “devem defender a sua Base de Inovação em Segurança Nacional contra concorrentes” (USA, 2017, p. 21; 29).

28

Para Bitzinger (1994), a globalização da produção de armamentos apresenta-se como um desafio de longo prazo para os Estados Unidos e aliados. Isso porque, dadas as crescentes pressões sobre as bases industriais de defesa para internacionalizarem suas operações, os Estados Unidos têm o interesse em promover os benefícios da globalização. Todavia, a questão que o autor levanta diz respeito a como equilibrar as eficiências e interdependências positivas decorrentes da globalização da indústria de defesa e a necessidade de evitar os riscos advindos da difusão. Isso porque, “ao tentar ajudar suas bases industriais de defesa, os países industrializados poderiam estar trocando ganhos de curto prazo que, eventualmente, levariam seus desafiantes militares a serem mais avançados tecnologicamente” (BITZINGER, 1994, p. 191).

Neste mesmo sentido, as Forças Armadas dos Estados Unidos, e particularmente seus fornecedores, buscaram vários meios para melhorar o desempenho, reduzir custos e adotar as melhores práticas do setor. Basicamente, isso inclui terceirização, fornecimento global, racionalização da base de suprimentos, fornecimento único, entregas *just-in-time* e inventários enxutos. Embora elas ofereçam muitos benefícios em eficiência e eficácia, elas também

podem tornar as cadeias de suprimentos mais frágeis e, conseqüentemente, aumentar a exposição de uma empresa a interrupções no fornecimento, principalmente aquelas na cadeia de suprimentos a montante (MOORE et al., 2015, p. xi).

Peter Navarro, Diretor do *White House National Trade Council*, propõe uma nova iniciativa comercial que é, em essência, o repatriamento de "cadeias de suprimentos internacionais (especialmente aquelas que envolvem a China) e a construção de cadeias de suprimentos 'domésticas' alternativas nos Estados Unidos"⁹ (CHA, 2020, p. 69). Como O'Rourke (2019, p. 7) observa, o aumento das tensões com a Rússia e a China levou a um interesse em eliminar, ou pelo menos minimizar, os casos de dependência dos sistemas e componentes militares fabricados na Rússia para os sistemas militares dos Estados Unidos e componentes e materiais chineses para os sistemas militares dos Estados Unidos¹⁰. Invariavelmente, essa estratégia requer investimento federal em indústrias estratégicas a fim de competir com a China (LEWIS, 2020).

29

5 – Componentes críticos e cadeias de suprimento

Como destacado na seção anterior, os documentos oficiais dos Estados Unidos entendem que a manutenção de indústrias críticas de defesa em território americano seja uma política essencial de segurança nacional em tempos de intensa competição sistêmica. O *2019 Industrial Capabilities Annual Report to Congress* também enfatizou que “a base industrial de defesa apoia a economia e a prontidão militar dos Estados Unidos, incluindo requisitos imprevisíveis repentinos. Portanto, a Base Industrial de Defesa é vital para as estratégias nacionais de segurança e defesa dos Estados Unidos e deve ser robusta, segura, resiliente e inovadora para dar suporte aos requisitos dos combatentes” (USA, 2019a, p. 105).

⁹ Para um entendimento ampliado acerca do argumento de Peter Navarro, ver Navarro e Autray (2011).

¹⁰ Esse ponto parece ser altamente ignorado pela literatura sobre os custos e benefícios da hegemonia e da globalização da economia da defesa, especialmente em uma era de intensa competição interestatal entre Estados Unidos, Rússia e China (BROOKS, 2007; CAVERLEY, 2007; NORRLOF; WOHLFORTH, 2019).

Entende-se, aqui, que a discussão em torno tanto dos componentes críticos quanto das cadeias de suprimento vinculam-se com o entendimento clausewitziano de capacidade logística (PROENÇA JÚNIOR; DUARTE, 2005). Em outras palavras, a logística diz respeito ao processo de criação das forças combatentes e “envolve todos os assuntos que dizem respeito a armamentos, mobilização, métodos e todos os produtos possíveis do desenvolvimento social, econômico, industrial e tecnológico¹¹” (PROENÇA JÚNIOR; DUARTE, 2005, p. 670). É nesse sentido, por exemplo, que Long (2020) entende que os Estados Unidos precisam atualizar o seu *Defense Production Act*, elaborado em 1950, para um adaptado à Era Digital¹².

Friedberg (2020) pontua que os Estados Unidos devem remodelar as cadeias globais de suprimento pois isso ajudaria a aumentar a produtividade geral do país, a competitividade internacional e as perspectivas de crescimento a longo prazo da economia dos Estados Unidos. O autor argumenta, pois, que isso geraria mais recursos agregados necessários para sustentar uma prolongada competição estratégica com a China e, ao mesmo tempo, geraria empregos e renda. Neste sentido, o governo poderia oferecer subsídios, empréstimos ou garantias de empréstimos em indústrias como semicondutores e minerais de terras raras, onde os custos de construção, ampliação ou reabertura de instalações nos Estados Unidos poderiam ser proibitivamente altos.

Nesse ínterim, legisladores dos Estados Unidos propuseram US\$ 25 bilhões em financiamento e créditos tributários para fortalecer a produção nacional de semicondutores e combater a crescente concorrência tecnológica da China¹³. A proposta visa a manter a liderança dos Estados Unidos em um setor de US\$ 400 bilhões, que se tornou central na guerra comercial entre os dois países. Atualmente, os Estados Unidos representam apenas 12% da capacidade global de

¹¹ O presente trabalho, entretanto, foca nos elementos relacionados à criação das forças combatentes, em detrimento dos aspectos ligados ao “posicionamento” e à “movimentação” e “manutenção” destas.

¹² O *Defense Production Act* dos Estados Unidos tem função similar ao Sistema Nacional de Mobilização do Brasil (Dec. nº 6.592/08).

¹³ Dois projetos de lei bipartidários, o *CHIPS (Creating Helpful Incentives to Produce Semiconductors) for America Act* e o *American Foundries Act*, demandam um aumento do investimento federal na fabricação e pesquisa de semicondutores nos Estados Unidos (LIU et al., 2020).

fabricação de semicondutores, enquanto a China, em 2015, representava 8% e, em 2020, representa 12% (KING; LEONARD; LITVAN, 2020; PHAM, 2020).

Além disso, o caso da infraestrutura de rede 5G é instrutivo. Por exemplo, a *National Strategy to Secure 5G* descreve várias iniciativas para desenvolver e governar a 5G, incluindo gerenciamento de riscos da cadeia de suprimentos e metas de desenvolvimento internacional (USA, 2020). Em termos conceituais, a 5G refere-se quinta geração emergente de redes e tecnologias sem fio, que trará uma melhoria expressiva na velocidade, volume e latência dos dados. Espera-se que elas sejam vinte vezes mais rápidas que as redes 4G, de acordo com estudo do *Defense Innovation Board* intitulado *The 5G Ecosystem: Risks & Opportunities for DoD* (USA, 2019b). Em outras palavras a 5G tem a capacidade de aprimorar a tomada de decisões do Departamento de Defesa e os recursos estratégicos da rede corporativa até a extremidade tática do campo de batalha. Além disso, a 5G “aumentará a capacidade do Departamento de Defesa de vincular vários sistemas a uma rede mais ampla, compartilhando informações em tempo real, melhorando a comunicação entre serviços, regiões e domínios” (USA, 2019b, p. 3).

31

No mesmo sentido, o Pentágono reorganizou as suas prioridades de pesquisa e desenvolvimento. Em 2017, quando o subsecretário de *Defense for Research and Engineering*, Mike Griffin, assumiu o cargo, as armas hipersônicas eram a principal área de foco do Pentágono. Todavia, de acordo com Griffin, a prioridade número um, agora, é a microeletrônica, seguida das comunicações 5G e, em terceiro lugar, as tecnologias hipersônicas¹⁴ (HARPER, 2020a).

Por sua vez, a China pretende que os chips fabricados internamente atendam a 70% de sua demanda sob a iniciativa *Made in China 2025*, projetada para promover as indústrias de alta tecnologia do país (CHO, 2020). A indústria global de semicondutores é um exemplo ilustrativo. Como parte de *Made in China 2025*, a China busca diminuir a dependência de fontes estrangeiras para a fabricação de semicondutores e se posicionar como uma potência independente nesse âmbito. Neste sentido, para construir suas próprias fundições de semicondutores, a China depende de equipamentos de fabricação de

¹⁴ Vale notar, entretanto, que Adam Smith, Presidente da *House Armed Services Committee*, enfatizou que a inteligência artificial deveria ser a prioridade número um (HARPER, 2020b).

semicondutores estrangeiros, isto é, o maquinário necessário para os produzir, que são fabricados por empresas em apenas alguns países. Além disso, a China possui o *National Integrated Circuit Plan*, um guia para a construção de uma indústria endógena de semicondutores e aceleração da produção de chips¹⁵ (BLANK, 2020; RASSER, 2020a).

Neste sentido, a *Huawei Technologies*, que precisa de semicondutores para seus equipamentos de *smartphones* e telecomunicações, encontra no centro de uma disputa pelo domínio tecnológico global entre os Estados Unidos e a China. Em Maio de 2020, uma nova regra, divulgada pelo Departamento de Comércio, expande a autoridade dos Estados Unidos para exigir licenças para vendas à Huawei de semicondutores fabricados no exterior com a tecnologia dos Estados Unidos (SHEPARDSON; FREIFELD; ALPER, 2020). Neste ínterim, em Junho de 2020, a *Federal Communications Commission* designou a Huawei e a ZTE como ameaças à segurança nacional (MCCABE, 2020) e, ainda, os Estados Unidos querem que a TSMC, a maior fabricante de chips de Taiwan, e a holandesa ASML coloquem controles mais rígidos sobre suas exportações para a China (RASSER, 2020a).

32

Cabe destacar, contudo, que, ainda que a interrupção o suprimento de tecnologias dos Estados Unidos busque causar danos à companhia no curto-prazo, o efeito de longo-prazo será tornar a Huawei mais autossuficiente. Em outras palavras, a campanha para isolar a Huawei e a grande campanha de desacoplamento (*decoupling*) tende a acelerar a independência tecnológica da China (KENNEDY, 2020). Em um memorando de Julho de 2020 ao Departamento de Comércio, a *Semiconductor Manufacturing Association* dos Estados Unidos alertou que restrições na venda *chips* à China iria estrangular as receitas das empresas estadunidenses e forçá-las a reduzir P&D (GOLDMAN, 2020).

Por fim, alguns autores, como Edel (2020) e Rasser (2020b) salientam que democracias precisam aliar-se para garantir cadeias de suprimentos vitais em termos de políticas tecnológicas¹⁶. Todavia, isso presumiria a coordenação entre

¹⁵ A China pretende alcançar a liderança na produção de semicondutores e encerrar a sua dependência em fornecedores dos Estados Unidos (LEWIS, 2020).

¹⁶ Chikermane (2020) identifica potencial de onze países fazerem parte desse alinhamento tecnológico: Índia, Estados Unidos, Israel, Suécia, Finlândia, Coreia do Sul, Japão, Alemanha, França, Reino Unido e Austrália.

aliados, o que não tem sido um ponto forte na administração de Trump. Isso porque a desconfiança entre os aliados é alta, a cooperação quase inexistente e cada país tem tentado, cada vez mais, seguir a sua própria trajetória tecnonacionalista.

5 – Considerações finais

O ressurgimento da competição entre grandes potências coincide com a quarta revolução industrial, na qual uma liderança inicial no domínio tecnológico de certos campos estratégicos, como inteligência artificial, 5G e computação quântica, poderia colocar um país em uma posição de liderança indiscutível. Além disso, essa liderança, bem como a inovação contínua nessas áreas, pode conferir poder econômico, político e militar essenciais e a oportunidade de moldar normas e valores globais. Neste sentido, há uma clara relação entre competição sistêmica e ordem internacional.

33

Como observa Rennstich (2008), uma das principais características das transições de liderança sistêmica é a aparente incapacidade do líder existente em estabelecer uma posição de liderança semelhante em um arranjo comercial e organizacional recentemente emergente e estruturalmente diferente. Embora Vizirgiannidou (2013) tenha destacado que, à época, os Estados Unidos não tinham definido uma estratégia para administrar o seu declínio, tal argumento parece não mais se sustentar. Em outras palavras, entende-se, aqui, que a ideia de "*America First*" remete à terceira estratégia disponível para o "centro" em resposta ao seu relativo declínio industrial, como observado por Gilpin (1976), isto é, o rejuvenescimento da economia central. Isso resultaria no desenvolvimento de novas tecnologias e indústrias e no redirecionamento do fluxo de capital para setores negligenciados da economia central. Por outro lado, Gilpin (1976, p. 71) reconhece que "o único momento em que há forças suficientes em uma economia em declínio para se regenerar pode ser quando é tarde demais".

A concorrência emergente entre Estados Unidos e China em relação à tecnologia e comércio será mais acentuada e prolongada do que a anterior entre Estados Unidos e Japão. Diante disso, entende-se, aqui, que o mundo poderia

enfrentar uma prolongada era de tecnonacionalismos. Em outros termos, tal competição assemelha-se à rivalidade entre Estados Unidos e União Soviética durante a Guerra Fria, com ambos os lados tentando prevalecer sobre o outro e recrutando terceiros para ingressar em seu respectivo círculo tecnológico. Neste sentido, entende-se que eventuais margens de manobra sejam diminutas no atual cenário. Isso porque ambos os lados forçam terceiros à aderirem as suas tecnologias. Ao fim e ao cabo, o retorno das esferas de influência liga-se, também, a uma maior polarização sistêmica em termos de blocos competidores. Ainda que a sedimentação de tais blocos possa levar alguns anos, na medida em que outros países tentarão negociar arranjos que os beneficiem, o resultado evidente é que o sistema internacional atual aproxima-se muito mais daquele anterior à 1991 do que aquele que o sucedeu, tanto em termos de capacidades materiais quanto de ordem internacional.

34

Nesse sentido, a ordem internacional será cada vez mais definida por disputas hegemônicas, competições securitárias, esferas de influência e tecnonacionalismos. Em outras palavras, o aumento da competição interestatal implica na retração da pretensão de uma ordem liberal planetária. Em certa medida, essa retração aproximaria a ordem liberal ao modelo de ordem liberal Ocidental da Guerra Fria. Por outro lado, eventos recentes levantam dúvidas em relação tanto à coesão do bloco Ocidental quanto à pré-disposição de aliados tradicionais dos Estados Unidos voluntariamente aderirem a uma eventual aliança liderada pelos primeiros. Apesar das diversas críticas em torno da administração Trump, entende-se, aqui, que algumas mudanças significativas não dizem respeito unicamente a sua administração. Isso porque os Estados Unidos e a China prosseguirão em uma trajetória de competição sistêmica independentemente de quem vencer as próximas eleições nos Estados Unidos. Essa competição, por sua vez, moldará a ordem internacional.

Em certa medida, países que adotarem posturas tecnonacionalistas tenderão a se adequar melhor em relação às mudanças estruturais - ainda que se possa discutir a real capacidade de Estados, sozinhos, lidarem com um sistema cada vez mais competitivos e com tecnologias com custos cada vez mais proibitivos para a maior parte dos países. Entretanto, esse momento de aumento de

competição interestatal resulta em uma janela de oportunidade para que em desenvolvimento barganharem arranjos vantajosos¹⁷. Por outro lado, tenderão a sair enfraquecidos deste cenários aqueles países que optarem por um alinhamento incondicional e automático a um dos lados e que, contrariando as recentes políticas industriais e comerciais da maior parte dos países desenvolvidos, optem por negligenciar o desenvolvimento e produção de componentes críticos em favor da extração e exportação de *commodities*.

Referências

ACHARYA, Amitav. "After Liberal Hegemony: The Advent of a Multiplex World Order". **Ethics & International Affairs**, v. 31, n. 3, p. 271-285; 2017.

ALLISON, Graham. The New Spheres of Influence: Sharing the Globe With Other Great Powers. **Foreign Affairs**, March/April 2020. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2020-02-10/new-spheres-influence>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

35 ARCESTI, Rebecca; RASSER, Martijn. **Europe needs democratic alliances to compete with China on technology**. Mercator Institute for China Studies. 29 maio 2020. Disponível em: <<https://merics.org/en/analysis/europe-needs-democratic-alliances-compete-china-technology>>. Acesso em: 13 jun. 2020.

BIDDLE, Stephen; OELRICH, Ivan. "Future Warfare in the Western Pacific: Chinese A2/AD, U.S. ASB, and Command of the Commons in East Asia". **International Security**, v. 41, n. 1, p. 7-48, 2016.

BITZINGER, Richard A. "The Globalization of the Arms Industry: The Next Proliferation Challenge". **International Security**, v. 19, n. 2, p. 170-198, 1994.

BLANK, Steve. **The Chip Wars of the 21st Century**. War on the Rocks, 11 jun. 2020. Disponível em: <<https://warontherocks.com/2020/06/the-chip-wars-of-the-21st-century>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

¹⁷ Por exemplo, em Setembro de 2020, o Primeiro-Ministro da Índia, Narendra Modi, sinalizou no *US-India Strategic Partnership Forum* que a Índia pode ser uma alternativa a China nas cadeias globais de suprimentos (PRADAS; ROCHE, 2020). De forma similar, ainda em Setembro, a Índia e o Japão assinaram um entendimento de logística militar que permite a ambos intercambiar suprimentos e e suporte logístico reciprocamente a fim de fortalecer a cooperação securitária entre os dois países (REJ, 2020).

BROOKS, Stephen G. **Producing Security: Multinational Corporations, Globalization, and the Changing Calculus of Conflict**. Princeton: Princeton University Press, 2007.

CAVERLEY, Jonathan D. "United States Hegemony and the New Economics of Defense". **Security Studies**, v. 16, n. 4, p. 598-614, 2007.

CHA, Taesuh. "Is anybody still a globalist? Rereading the trajectory of US grand strategy and the end of the transnational moment". **Globalizations**, v. 17, n. 1. p. 60-76, 2020.

CHAUDHARY, Archana. **EU to Focus on Diversifying Crucial Supply Chains**, Says Borrell. Bloomberg. 14 jul. 2020. Disponível em: <www.bloomberg.com/news/articles/2020-07-14/eu-to-focus-on-diversifying-crucial-supply-chains-says-borrell>. Acesso em: 20 ago. 2020.

CHIKERMANE, Gautam. **From T3, the India-US-Israel tech alliance can become T11**. ORF. 11 set. 2020. Disponível em: <<https://www.orfonline.org/expert-speak/from-t3-the-india-us-israel-tech-alliance-can-become-t11-7316>>. Acesso em: 13 set. 2020.

CHO, Yusho. **China quadruples fundraising pace for chip self-sufficiency**. Nikkei Asian Review. 07 jul. 2020. Disponível em: <<https://asia.nikkei.com/Business/China-tech/China-quadruples-fundraising-pace-for-chip-self-sufficiency>>. Acesso em: 09 jul. 2020.

COLBY, Elbridge A.; MITCHELL, A. Wess. "The Age of Great-Power Competition: How the Trump Administration Refashioned American Strategy". **Foreign Affairs**, v. 99, n. 1, p. 118-130, 2020.

DEUDNEY, Daniel; IKENBERRY, John G. "The nature and sources of liberal international order". **Review of International Studies**, v. 25, n. 2. p. 179-196, 1999.

DEVORE, Marc R. "Armaments after autonomy: Military adaptation and the drive for domestic defence industries". **Journal of Strategic Studies**, p. 1-35, 2019.

DUNNE, Tim. "The Liberal Order and the Modern Project". **Millennium: Journal of International Studies**, v. 38, n. 3, p. 535-543, 2010.

DUNNE, Tim; KOIVISTO, Marjo. "Crisis, What Crisis? Liberal Order Building and World Order Conventions". **Millennium: Journal of International Studies**, v. 38, n.3, p. 615-640, 2020.

EDEL, Charles. **Democracies need alliances to secure vital supply chains**. The Strategist. 06 maio 2020. Disponível em: <aspistrategist.org.au/democracies-need-alliances-to-secure-vital-supply-chains>. Acesso em: 07 maio 2020.

FRIEDBERG, Aaron L. **The United States Needs to Reshape Global Supply Chains.** Foreign Policy. 08 maio 2020. Disponível em: <www.foreignpolicy.com/2020/05/08/united-states-reshape-global-supply-chains-china-reglobalization>. Acesso em 05 jul. 2020.

GILPIN, Robert. **U.S. Power and the Multinational Corporation: The Political Economy of Foreign Direct Investment.** New York: Basic Books, 1976.

GILPIN, Robert. **War and change in world politics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

GOLDMAN, David P. **Huawei sanctions will destroy US chip industry.** Asia Times. 4 set. 2020. Disponível em: <<https://asiatimes.com/2020/09/huawei-sanctions-will-destroy-us-chip-industry>>. Acesso em 5 set. 2020.

HARPER, Jon. **Pentagon Reshuffles R&D Priorities.** National Defense Magazine. 06 maio 2020. 2020a Disponível em: <www.nationaldefensemagazine.org/articles/2020/6/5/pentagon-reshuffles-rd-priorities>. Acesso em 15 jun. 2020.

HARPER, Jon. **Lawmakers Want More AI for Military.** National Defense Magazine. 10 ago. 2020. 2020b Disponível em: <<https://www.nationaldefensemagazine.org/articles/2020/8/10/lawmakers-want-more-ai-for-military>>. Acesso em 10 set. 2020.

37

HAST, Susanna. **Spheres of Influence in International relations History: Theory and Politics.** Farnham: Ashgate, 2014.

IKENBERRY, G. John. **After victory: institutions, strategic restraint, and the rebuilding of order after major wars.** Princeton: Princeton University Press, 2001.

IKENBERRY, G. John. "Power and liberal order: America's postwar world order in transition". **International Relations of the Asia-Pacific**, v. 5, p. 133-152, 2005.

IKENBERRY, G. John. "Liberal Internationalism 3.0: America and the Dilemmas of Liberal World Order". **Perspectives on Politics**, v. 7, n. 1, p. 71-87, 2009.

IKENBERRY, G. John. **Power, Order, and Change in World Politics.** Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

IKENBERRY, G. John. "The end of liberal international order?". **International Affairs**, v. 94, n. 1, p. 7-23, 2018.

IKENBERRY, G. John. **The Next Liberal Order: The Age of Contagion Demands More Internationalism, Not Less.** Foreign Affairs, July/August 2020. Disponível em: <www.foreignaffairs.com/articles/united-states/2020-06-09/next-liberal-order>. Acesso em 08 jul. 2020.

IKENBERRY, G. John. "Institutions, Strategic Restraint, and the Persistence of American Postwar Order". **International Security**, v. 23, n. 3, p. 43-78, 1998.

JAISHANKAR, Dhruva. **The Indigenisation of India's Defence Industry**. Brookings Institution India Center: Brookings India Impact Series 082019-01, 2019.

JERVIS, Robert. **Chaos in the Liberal Order**. New York: Columbia University Press, 2018.

KENNEDY, Scott. **Washington's China Policy Has Lost Its Wei**. CSIS Briefs. Julho 2020. Disponível em: <csis-website-prod.s3.amazonaws.com/s3fs-public/publication/200727_Kennedy_USChinaPolicyLost-Brief_v3.pdf>. Acesso em: 12 set. 2020.

KING, Ian; LEONARD, Jenny; LITVAN, Laura. **U.S. Lawmakers Propose \$25 Billion to Help Chip Industry**. Bloomberg. 10 jun. 2020. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2020-06-10/u-s-lawmakers-propose-25-billion-to-aid-semiconductor-industry>>. Acesso em 05 jul. 2020.

KISSINGER, Henry A. **The Coronavirus Pandemic Will Forever Alter the World Order**. WSJ Opinion. 03 abr. 2020. Disponível em: <www.wsj.com/articles/the-coronavirus-pandemic-will-forever-alter-the-world-order-11585953005>. Acesso em: 05 abr. 2020.

38

LEMKE, Douglas. **Regions of War and Peace**. New York: Cambridge University Press, 2002.

LEWIS, James A. **Semiconductors and Modern Defense Spending**. CSIS Commentary. 8 set. 2020. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/semiconductors-and-modern-defense-spending>. Acesso em: 10 set. 2020.

LIU, Jack et al. **US Investment in Southeast Asia and Decoupling From China**. The Diplomat. 21 ago. 2020. Disponível em: <https://thediplomat.com/2020/08/us-investment-in-southeast-asia-and-decoupling-from-china/?fbclid=IwAR3oaa8ypBaUla5ARy_Y2RhAfkOVzULF_gAORljEnxQDksz-NGJex8S75ws>. Acesso em: 9 set. 2020.

LONG, Jay. **It's Time For The Defense Production Act's Digital Transformation**. War in the Rocks. 29 maio 2020. Disponível em: <<https://warontherocks.com/2020/05/its-time-for-the-defense-production-acts-digital-transformation>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

LOPEZ, Todd. **DOD Can Lead Microelectronics Manufacturing Back to U.S. DoD News**. 20 ago. 2020. Disponível em: <[https://www.defense.gov/Explore/News/Article/Article/2320194/dod-can-](https://www.defense.gov/Explore/News/Article/Article/2320194/dod-can-lead-microelectronics-manufacturing-back-to-u-s)

lead-microelectronics-manufacturing-back-to-us/fbclid/IwAR3oaa8ypBaUla5ARy_Y2RhAfkOVzULF_gAORlJenxQDksz-NGJex8S75ws>. Acesso em: 13 set. 2020.

MAZARR, Michael et al. **Understanding the Current International Order**, Santa Monica, Calif.: RAND Corporation, 2016.

MCCABE, David. **F.C.C. Designates Huawei and ZTE as National Security Threats**. The New York Times. 30 jun. 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/06/30/technology/fcc-huawei-zte-national-security.html>>.

MCCORMICK, David H.; LUFTIG, Charles E.; CUNNINGHAM, James M. "Economic Might, National Security, and the Future of American Statecraft". **The Strategist**, v. 3, n. 3, p. 1-27, 2020.

MEARSHEIMER, John J. **The Great Delusion: liberal dreams and international realities**. New Heaven: Yale University Press, 2018.

MOORE, Nancy Y. et al. **Identifying and Managing Acquisition and Sustainment Supply Chain Risks**. Santa Monica: RAND Corporation, 2015.

MURRAY, Michelle. **The Struggle for Recognition in International Relations**. New York: Oxford University Press, 2019.

NAVARRO, Peter; AUTRAY, Greg. **Death by China Confronting the Dragon: A Global Call to Action**. New Jersey: Prentice Hall, 2011.

NEVES JÚNIOR, Edson. **A Modernização Militar da Índia: as virtudes do modelo híbrido**. Tese. (Doutorado em Estudos Estratégicos Internacionais) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

NORRLOF, Carla; WOHLFORTH, William C. "Raison de l'Hégémonie: Theory of the Costs and Benefits of Hegemony". **Security Studies**, v. 28, n. 3, p. 422-450, 2019.

NYE, Joseph S. **Will the Liberal Order Survive?** The History of an Idea. Foreign Affairs, January/February 2017. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/2016-12-12/will-liberal-order-survive>>. Acesso em: 07 maio 2020.

NYE, Joseph S. **No, the Coronavirus Will Not Change the Global Order**. Foreign Policy. 16 abr. 2020. Disponível em: <<https://foreignpolicy.com/2020/04/16/coronavirus-pandemic-china-united-states-power-competition>>. Acesso em: 07 maio 2020.

O'ROURKE, Ronald. Renewed Great Power Competition: Implications for Defense - Issues for Congress. **Congressional Research Service**: CRS Report 43838, 2019.

PARMAR, Inderjeet. **Think tanks and power in foreign policy**: a comparative study of the role and influence of the Council on Foreign Relations and the Royal Institute of International Affairs, 1939–1945. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

PARMAR, Inderjeet. “The US-led liberal order: imperialism by another name?”. **International Affairs**, v. 94, n. 1, p. 151-172, 2018.

PHAM, Sherisse. **Taiwan chip maker TSMC's \$12 billion Arizona factory could give the US an edge in manufacturing**. CNN Business. 15 maio. 2020. Disponível em: <edition.cnn.com/2020/05/15/tech/tsmc-arizona-chip-factory-intl-hnk/index.html>. Acesso em: 20 jun. 2020.

PLATZER, Michaela D.; SARGENT JR. John. **U.S. Semiconductor Manufacturing**: Industry Trends, Global Competition, Federal Policy. Congressional Research Service: CRS Report R44544, 2016.

POSEN, Barry. “Command of the Commons: the Military Foundation of U.S. Hegemony”. **International Security**, v. 28, n. 1, p. 5-46, 2003.

POWELL, Bill. **America Is in a New Cold War and This Time the Communists Might Win**. Newsweek Magazine. 18 maio 2020. Disponível em: <<https://www.newsweek.com/2020/06/05/america-new-cold-war-this-time-communists-might-win-1504447.html>>. Acesso em: 05 jul. 2020.

40

PRASAD, G. C; ROCHE, E. **Modi positions India as alternative to China in global supply chain**. Mint. 3 set. 2020. Disponível em: <<https://www.livemint.com/news/india/modi-positions-india-as-alternative-to-china-in-global-supply-chain-11599150792839.html>>. Acesso em 10 set. 2020.

PROENÇA JÚNIOR, Domício; DUARTE, Érico E. “The concept of logistics derived from Clausewitz: All that is required so that the fighting force can be taken as a given”. **Journal of Strategic Studies**, v. 28, n. 4, p. 645-677, 2005.

RASMUSSEN, Mikkel V. **The military's business**: designing military power for the future. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

RASSER, Martijn. **Countering China's Technonationalism**. The Diplomat. 14 abr. 2020. (2020a) Disponível em: <<https://thediplomat.com/2020/04/countering-chinas-technonationalism>>. Acesso em 15 maio 2020.

RASSER, Martijn. **Technology alliances will help shape our post-pandemic future**. C4ISRNET. 14 abr. 2020. (2020b). Disponível em: <<https://www.c4isrnet.com/opinion/2020/04/14/technology-alliances-will-help-shape-our-post-> The Making of a Digital World: pandemic-future>. Acesso em: 15 maio 2020.

REJ, Abhijnan. **India and Japan Sign Military Logistics Agreement for All to See.** The Diplomat. 12 set. 2020. Disponível em: <<https://thediplomat.com/2020/09/india-and-japan-sign-military-logistics-agreement-for-all-to-see/?fbclid=IwAR1G0LEXSgs8Aq21-0SuPDglArgSytTudKJHrM6O82fKwB5jaszk3SBsJRE>>. Acesso em: 12 set. 2020.

RENNSTICH, Joachim K. **The Evolution of Technological Change and How It Shaped Our World.** New York: Palgrave Macmillan, 2008.

SCHOFF, James L. **U.S.-Japan Technology Policy Coordination: Balancing Technonationalism With a Globalized World.** Carnegie Working Paper June 2020. 2020. Disponível em: <<https://carnegieendowment.org/2020/06/29/u.s.-japan-technology-policy-coordination-balancing-technonationalism-with-globalized-world-pub-82176>>. Acesso em: 03 jul. 2020.

SCHWELLER, Randall L. "The Problem of International Order Revisited: A Review Essay". **International Security**, v. 26, n. 1, p. 161-186, 2001.

SHEPARDSON David; FREIFELD, Karen; ALPER, Alexandra. **U.S. moves to cut Huawei off from global chip suppliers as China eyes retaliation.** Reuters. 16 maio 2020. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-usa-huawei-tech-exclusive/u-s-moves-to-cut-huawei-off-from-global-chip-suppliers-as-china-eyes-retaliation-idUSKBN22R1KC>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

41

SØRENSEN, Georg. **A Liberal World Order in Crisis.** Ithaca: Cornell University Press, 2011.

THOMPSON, William R. **Power Concentration in World Politics: The Political Economy of Systemic Leadership, Growth, and Conflict.** Springer, 2020.

TILLY, Charles. **Coercion, Capital, and European States, A.D. 900–1990.** Cambridge: Basil Blackwell, 1990.

USA. Department of Defense. **Summary of the 2018 National Defense Strategy of the United States of America.** (2018a) <https://dod.defense.gov/Portals/1/Documents/pubs/2018-National-DefenseStrategy-Summary.pdf>.

USA. Department of Defense. **Assessing and Strengthening the Manufacturing and Defense Industrial Base and Supply Chain Resiliency of the United States,** 2018b. <https://media.defense.gov/2018/Oct/05/2002048904/-1/-1/1/ASSESSING-AND-STRENGTHENING-THE-MANUFACTURING-AND-DEFENSE-INDUSTRIAL-BASE-AND-SUPPLY-CHAIN-RESILIENCY.PDF>.

USA. Department of Defense. **Air Force Space Command Supply Chain Risk Management of Strategic Capabilities.** Report 143, 2018c.

USA. Department of Defense. **Industrial Capabilities Report**. 2019. <https://www.businessdefense.gov/Portals/51/Documents/Resources/2018%20AIC%20RTC%2005-23-2019%20-%20Public%20Release.pdf?ver=2019-06-07-111121-457>.

USA. Defense Innovation Board. **The 5G Ecosystem: Risks & Opportunities for DoD**. 2019b. https://media.defense.gov/2019/Apr/03/2002109302/-1/-1/0/DIB_5G_STUDY_04.03.19.PDF.

USA. President Donald Trump. **National Security Strategy of the United States of America**. 2017. <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2017/12/NSS-Final-12-18-2017-0905.pdf>.

USA. The White House. **National Strategy to Secure 5G of the United States of America**, March 2020. <https://www.whitehouse.gov/wp-content/uploads/2020/03/National-Strategy-5G-Final.pdf>.

VEZIRGIANNIDOU, Sevasti-Eleni. "The United States and rising powers in a post-hegemonic global order". **International Affairs**, v. 3, n. 89, p. 635–651, 2013.

WALT, Stephen. M. "US grand strategy after the Cold War: Can realism explain it? Should realism guide it?". **International Relations**, v. 32, n. 1, p. 3-22, 2018.

42 WALTZ, Kenneth N. **Theory of International Politics**. New York: McGraw-Hill, 1979.

WEISGERBER, Marcus. US May Need to Nationalize Military Aircraft Industry, USAF Says. **Defense One**. 14 jul. 2020. Disponível em: <www.defenseone.com/business/2020/07/us-may-need-nationalize-military-aircraft-industry-usaf-says/166894>. Acesso em: 1 set. 2020.

Interstate Competition, Critical Components and Supply Chains: Implications for the Liberal Order

Augusto C. Dall'Agnol

Gustavo F. Dall'Agnol

Abstract: This article analyzes the paradoxes of maintaining the liberal order within an international scene with great powers competition. Despite the current crisis in the liberal order, we understand it is accompanied by material changes in the system structure. In material terms, the continuous erosion of the common commands as well as the existence of contested zones open space to the return of spheres of influence, with direct implications to the international order. That said, the article analyses the connections among changes in the liberal order and the indigenization process of critical components and global supply chains by the United States and China, based on official documents, reports and empirical facts. In sum, the crisis of the liberal order is the result of material changes in the international system, consequently, how each country respond to the increase in interstate competition will have lasting effects on the reorganization of the coming order.

Keywords: Liberal order; Interstate competition; Spheres of influence.

Competencia Interestatal, Componentes Críticos y Cadenas de Suministros: Implicaciones para el Orden Liberal

Augusto C. Dall'Agnol

Gustavo F. Dall'Agnol

Resumen: El artículo analiza las contradicciones de la permanencia del orden liberal en un escenario donde regresa la competencia entre las grandes potencias. A pesar de la crisis actual en el orden liberal, es entendido que tal crisis también esté acompañada por un movimiento de cambios materiales en la estructura sistémica. Con relación a elementos materiales, el posible fin del mando de los comunes y la existencia de zonas contestadas abre espacio para regresar las esferas de influencia, con implicaciones directas para el orden internacional. A través de documentos oficiales, reportes y aspectos empíricos es analizada la relación entre cambios en el orden liberal y el proceso de endogenización de componentes críticos, asimismo de cadenas de suministros globales por parte de los Estados Unidos y China. En suma, la crisis del orden liberal es consecuencia de cambios materiales del sistema internacional y las distintas respuestas de diferentes países ante el aumento de la competencia interestatal tendrán efectos duraderos en el propio reordenamiento del orden futuro.

Palabras clave: Orden liberal; Competición interestatal; Esferas de influencia.

Recebido em 10 de julho de 2020
Aprovado em 17 de agosto de 2020